

Crónica em Terras do Neiva

Corria a hora seis e o minuto quarenta e quatro, quando, no quarto ao lado, à entrada do minuto quarenta e cinco, aquela coisa pequena de forma rectangular que, entre muitas outras funções, também serve para falar, começou, primeiro muito baixinho, depois, gradual mas persistentemente, cada vez mais alto, a tocar desenfadadamente como que a querer dizer-nos "aqui quem nada sou eu".

Tinha chegado a hora. Éramos assim, desta forma abrupta e inesperada, vilmente expulsos do reino de Morfeu, violentamente arrancados do quente aconchego dos lençóis. Mas rapidamente o turbilhão de sentimentos de desgosto se desvaneceu face à nobre missão a que havíamos sido predestinados.

Ainda mal refeitos dos efeitos do néctar desmesuradamente emborcado na véspera, o que se compreende face à inigualável qualidade desse elixir que dá pelo nome de Vinho Verde, ao seu carácter, ao seu indescritível sabor, verdadeiro hino à divina e eterna sabedoria dos Deuses que, em tempos idos, num momento de feliz lucidez, terá o próprio Baco transmitido o segredo da sua produção a esses valentes e másculos homens que desde tempos imemoráveis estoicamente defendem e vivem nessa verde região do Norte de Portugal a que chamam Minho, e eles, com o perpassar das gerações, dos séculos, dos milénios, com a sabedoria e a consciência de serem os eleitos, os herdeiros, os felizes detentores de uma das maiores dádivas com que os Deuses alguma vez presentearam os Homens, souberam manter, realçar, aprimorar e trazer até aos nossos dias esse néctar sem igual em toda a Terra conhecida.

Alguns, os menos adaptados, quiçá os mais frágeis, acometidos de um estranho estado dispéptico, alegadamente resultante da ingestão da bebida da véspera - oh! blasfémia - queixavam-se! Mas que vil ultraje. Como ousavam eles insultar a imensurável qualidade da bebida dos homens e para homens de barba rija do Norte? O futuro trataria de lhes dar uma lição, de os fazer engolir as incautas, impensadas e blasfémicas palavras proferidas! A seu tempo..., a César o que é de César.

Passados os primeiros momentos de letargia, após um bom e revigorante banho, abordamos o material, delicada e carinhosamente preparado na véspera, que ansiosamente esperava por ser carregado no carro.

Material carregado, cuidadosamente acondicionado, partimos para mais uma conquista de montes e vales, desta vez no Minho, perto de Vila Verde, em Duas Igrejas. Objectivo: conquista da nascente do rio Neiva, no Monte Oural, a 722 metros de altitude.

Chegamos a Duas Igrejas às oito da manhã em ponto. A ansiedade era tanta, nem a bebida "bacolítica" da véspera a fez desaparecer, que fomos os primeiros a chegar. Ficamos na dúvida se seria mesmo ali o local da partida. Mais volta menos volta, o que até foi óptimo para conhecer um pouco a terra e as suas gentes, mais pergunta menos pergunta aos madrugadores habitantes de enxada na mão, os minutos foram passando, e enquanto uns partem outros chegam, assim acontecendo com outros "bêêtista" que a seu tempo foram arrivando.

Os carros paravam, as malas abriam-se, do interior delas saíam as queridas máquinas, ansiosas por serem montadas. Olhos perspicazes, experientes, lançavam fugidios olhares aos passeantes e respectivas "máquinas", em que só a já longa e acumulada experiência permitia fazer assisada avaliação com tão fugaz análise. Fizeram-se os últimos apertos, as últimas lubrificações, as últimas afinações, não fosse o diabo tecê-las, e já se sabe como Esse é: só aparece quando não deve, obstinado que está em nos dar "cabo da cabeça".

Inscrição feita na Junta de Freguesia - portas escancaradas, divisões rápida e avidamente vasculhadas na ansiosa busca de uma caneta preta de tinta que permitisse escrever uns rasurados dizeres na ficha de inscrição - munidos do "road book" fornecido à custa da entrega de cinco euros, pedaladas feitas para aquecer a brutal massa muscular, eis que se ouve, através de um megafone, daqueles usados nas "manifes" há alguns anos atrás, uma voz que saía de um corpo sustentado por uma muleta. Não, não era o "mister" Oliveira. Mas a imagem e a analogia eram irresistíveis e o comentário jocoso não se fez tardar. Depois da gargalhada geral, o Prof. Aires, sim era dele a voz, lá foi debitando as instruções. A mais importante delas: - "Ninguém passa o guia. Quem o fizer, será sua a responsabilidade pelo que vier a acontecer". Cabeças levantadas, olhos perscrutando a massa colorida de capacetes que ornavam as cabeças dos passeantes, e eis que aparece o guia que, por acaso, até era o filho do Aires. Rapaz bem parecido, cabelo a fugir para o loiro, olhos azuis, pernas musculadas, traje a rigor de cor tipo "azul banana". Com dezenas e dezenas de olhos em cima dele, o rapaz dá uma voltinha - sim, daquelas das "passereles" -

e diz: - "Sou eu!" (recuso-me a escrever sobre o tom da voz dele. Baaahh..., vou-me deixar destas coisas, o rapaz até pareceu ser fixe, apesar da impressão inicial).

Finalmente, às nove horas e quarenta e cinco minutos (não estive mal, somente quarenta e cinco minutos de atraso) é dada a ordem de marcha.

E todo o mundo partiu, ordeiro e contente, ao ataque da primeira subida de nove quilómetros até ao topo do Monte Oural. As primeiras bocas, logo nos primeiros metros, fizeram-se ouvir, e tudo relacionado com a dificuldade de transposição do quase inexistente declive. Mas isto foi só nos primeiros metros porque, logo de seguida, quando a coisa começou a apertar, "tá queto ó mau", qual palavras qual quê, toda a atenção e energia eram canalizadas para o controle do esforço e da respiração. A coisa começou a apertar, e de que maneira!

Como sempre, aqueles que gostam de começar por ir à frente, aqueles que pedalam feito loucos, como se o passeio fosse acabar na próxima curva lá à frente, começaram a arrastar-se e a ficar para trás à procura da energia que tinham deixado ficar logo nos metros iniciais. Tal e qual como o coelho: - "Está a ser bom, não foi, querida?"

Um único e exclusivo reparo quanto ao desempenho dos Arfadores: é indubitável, aliás, outra coisa não seria de esperar, que o seu desempenho se manteve constante ao longo de todo o passeio, e sempre à cabeça do dito. Doravante, será excessivo, senão mesmo desnecessário e supérfluo, a menção de qualquer outra observação ou comentário porque, ao longo desta crónica, sempre que imaginarem a cabeça do grupo de passeantes, é lá que verão os Arfadores. E se alguns atrasos houve, isso se deve ao menor desempenho do material que, em algumas mas felizmente poucas ocasiões, fez questão de se manifestar e teimou em não responder adequadamente às solicitações que lhe foram feitas. Pois é, mais uma vez, tudo por culpa do material. Alguma coisa se passa com o material porque as queixas teimam, também elas, em avolumar-se. Porque será? (não podia deixar de ser, pois não?!).

Ainda frescos - o que é que é isso de subida com 9 quilómetros até aos 722 metros de altitude? - e chegados ao topo do Monte Oural, pudemos desfrutar de uma paisagem magnífica em que os garranos eram reis e senhores, monarcas de um verde planalto que se estendia infundável até aos abruptos declives das encostas limítrofes. Até onde a vista alcançava podia ver-se densa neblina que, a assim não ser, poderia ver-se o mar em Viana do Castelo, em Esposende, o vale em forma de U do Neiva, a divisão orográfica entre o vale do Lima e o vale do Cávado (para quem não sabe, são dois rios portugueses). Tudo isto nos foi dito, e nós acreditamos, por um elemento do "Rio Neiva - Associação de Defesa do Ambiente" na homilia que proferiu no pedestal do marco geodésico com 12 metros de altura localizado no topo do Monte Oural, e que, graças a si e à mão do homem que o construiu, pode-se dizer que o dito cujo monte ostenta os tais registados e oficiais 722 metros de altitude. Foi-nos ainda dito que o Homem habita aquelas regiões desde tempos imemoriais que remontam ao Neolítico, período que os arqueólogos e paleontólogos datam, para aí, de há uns seis mil anos atrás. Pouca coisa se pensarmos que, nessa altura, os gajos ainda não sabiam o que era o ferro, e os machados, setas e facas que usavam eram feitos com um nobre material genericamente chamado "pedra".

Ainda a homilia não ia a meio e lá nos foi apontada uma elevação chamada "mamoá", coisa que é diferente de "anta". Anta é uma construção em pedra, constituída por pilares laterais de grandes dimensões encimados por uma grande laje chamada "mesa" (havia lá muitas outras antas, não as de pedra, mas de outro tipo!). Esta construção era depois coberta com terra, adquirindo então a forma arredondada que tanto a caracteriza e que faz lembrar aquilo em que estão a pensar, como também lembrou ao arqueólogo que teve a feliz ideia e que assim passou a nomear as ditas elevações. Uma diferença significativa existe entre estas "mamoas" e as elevações em que estão a pensar. É que estas estão encimadas por uma depressão - resultante das actividades furtivas de uns indivíduos chamados "caçadores de tesouros" que, numa perspectiva de enriquecimento fácil, decidiram proceder à escavação não autorizada destas belas protuberâncias paisagísticas - em vez de uma pequenina elevação que, em função do estado, pode variar de altitude sempre que é "escavada".

Depois de uma longa, longa paragem, refugiados do vento cortante atrás das paredes da enorme base do marco geodésico, com os pés protegidos da dureza granítica do chão pelo aveludado e espesso tapete dos volumosos restos da intensa digestão dos férteis pastos ingeridos pelos fogosos garranos, e terminada a homilia do dedicado e profícuo orador, que para se fazer ouvir lá usou o tal megafone das manifes, presenteada no final com um forte aplauso abafado pelas luvas que cobriam as mãos causadoras dessa

surda manifestação, lá partimos para o Monte de S. Miguel encimado de capela com nome do mesmo santo e construída com as pedras de uma antiga povoação crastreja que outrora ocupou o mesmo local, mas da qual hoje pouco resta, pois as devoções são outras e os inimigos há muito desapareceram, não havendo, portanto, necessidade de procurar pontos altos para antecipadamente detectar a sua aproximação e organizar adequada defesa.

A descida para S. Miguel foi fabulosa. Bastante técnica e rápida. Depois de um desvio a alta velocidade para um pequeno trilho à direita da estrada principal, a velocidade foi rainha. Uma pequena vala com água surge subitamente a cortar o trilho. Impulsão para cima, bicicleta no ar e eis ultrapassado o obstáculo. Ouve-se a voz gritante do ajudante de guia que ia alguns metros à frente: - "Esse é o Rio Neiva". O rio que deu o nome ao passeio acabava de ser passado de um salto sem sequer se molharem as rodas. Nova vala à frente, novo salto, e novo comentário gritante do ajudante de guia: - "Esse é um afluente do Rio Neiva". E assim fomos vertiginosamente descendo, envoltos numa escura e espessa nuvem de poeira, passando a salto o Neiva e seus afluentes e todos os mais obstáculos que se nos deparavam pela frente.

Novo grito, mas desta vez vindo de um dos ciclistas que circulava atrás: - "Deixem passar o Guia". A alta velocidade, com a bicicleta, tudo o indicava, perfeitamente controlada, o guia passa a alta velocidade secundado por dois ou três elementos do seu séquito (a nuvem de pó não permitiu que fossem identificados com precisão quantos eram na realidade!). Uns metros à frente e acontece o que pode mas não deveria acontecer: Despiste! Um dos elementos que anteriormente tinha passado a alta velocidade, num acto inconsciente, tenta alcançar o "bidon" da água enquanto desce o trilho íngreme, irregular e repleto de pedregulhos. O desfecho final só não foi pior porque, felizmente, uma árvore decidiu que a berma daquele trilho era o melhor local para lançar raízes e crescer, o que permitiu ao desafortunado "downileiro" ficar "colado" ao seu tronco.

Pior sorte teve o guia. Acossado por quem atrás dele seguia (mas será que poderia ser outro que não um Arfador?) e não querendo deixar os seus créditos em mãos alheias (então não era ele um renomado e afamado bêtêta, filho do ilustre organizador?), fez das tripas coração, apelou a todos os seus dotes atléticos e lançou-se desabridamente encosta abaixo ultrapassando tudo e todos. Tudo não! Um pedregulho orgulhoso (não era um qualquer que iria pôr em causa a sua virilidade. Então não estava ele naquele local há séculos e séculos?) teimou em ficar exactamente onde sempre esteve e não foi de meias medidas: firme e hirto, aguentou a pancada que se adivinhava. Quem não aguentou foi o guia. Que espalhanço!!! Quando a nuvem de pó, finalmente levada pelo vento, se dissipou, lá se conseguiu vislumbrar um vulto que se levantava cambaleante e, desesperadamente, ensaiava novamente, agora em estado adulto, os primeiros exercícios do acto de respirar. Considerava, porém, o diafragma que, depois de uma pancada daquelas, ainda tinha direito a mais uns segundos de repouso. Quem não estava de acordo era o guia que, a abrir e a fechar a boca, desesperava por umas míseras moléculas de oxigénio que lhe permitissem recuperar a desejada e necessária respiração que teimosamente persistia em manter-se alheada e indiferente ao seu sofrimento.

Este acidente provocou uma nova paragem, desta vez não programada mas necessária. As causas eram justíssimas. O guia, o nosso guia que ninguém podia passar (só às vezes!), tinha sido vítima de uma brutal e aparatosa queda. A atestá-la, uma longa extensão de muitos centímetros acumulados de pele arrancada, como também daquele líquido avermelhado que, lenta mas paulatinamente, começava a aflorar e a cobrir todos os locais alvo do feroz ataque das pedras, pedrinhas e pedregulhos, e outros que tais, desde a cara a todos os membros e restantes partes do corpo descobertas e sem protecção. Ninguém ficou indiferente. O espírito de entreatajuda sobrepôs-se a qualquer pretensa veleidade de quem quer que fosse em continuar a descer aquele trilho alucinante.

Eu sei que referi não mais comentar o desempenho dos Arfadores, mas agora tenho obrigação de o fazer, não porque se trata de realçar os notáveis desempenhos atléticos dos seus membros, mas sim para registar a nobreza do carácter, a dignidade da atitude do nosso Caçador, que assim que alguém referiu a palavra Betadine, imediatamente se lhe dirigiu e lhe arrancou das mãos a embalagem que, saída da mochila, ainda mal tinha aflorado à luz do dia. Foi lindo (!) de vê-lo a aplicar a dita pomada desinfetante nas carnes desfloradas do pobre guia que, profundamente atingido no seu ego, mal articulava, ainda, duas palavras que fossem. Dificilmente se conseguiu perceber um "- acontece aos melhores". Mas com tais extremos tratamentos, ministrados pelo nosso ilustríssimo Arfador, a recuperação foi rápida e notória.

Entretanto, e passado o susto inicial, e porque era estreito o caminho, não permitindo, por isso, grande dispersão dos passeantes, prolongava-se trilho acima, quais hordas de valentes guerreiros montados nas

suas máquinas de guerra, máquina e homem fundidos num único e mesmo ser, um estranho aglomerado emaranhado de homens e máquinas ansiosos pela ordem de ataque (leia-se partida)! Quais feras incontidas, lançaram-se novamente numa desenfreada descida já completamente esquecidos dos incidentes há momentos ocorridos.

S. Miguel não nos protegeu de mais uma longa espera. Sem, no momento, se perceber porquê, gramamos aqui mais uma seca monumental. Conversa puxa conversa, esgotados dos assuntos para conversa, o desânimo começava a ganhar terreno entre os Arfadores. Já ponderavam encurtar caminho e fazer um regresso antecipado, quando é dada novamente ordem de partida.

A partir daqui, o guia que era guia, talvez ainda dorido e afectado pela queda aparatosa de que foi vítima, e o ânimo também já não ajudava muito, deixou de ser guia e passou a ser guiado, proferiu as palavras que todos há muito queriam ouvir: - "Se quiserem passar, passem!". E como não estávamos lá para contrariar ninguém, de imediato a obediência foi geral.

Rolamos a bom rolar até ao Monte da Cheira, assim chamado pelo povo porque "cheira" é coisa plana, nestas terras como noutras de Trás-os-Montes, assim como o era o cimo de tal monte. E a estas altas planuras chegados, fomos novamente compelidos a longa, longuíssima paragem. É que, enquanto estávamos parados em S. Miguel, o orador e seus comparsas atalharam caminho e atravessaram os jipes para nos impedirem a passagem. E qual o motivo desta paragem? Isso mesmo, nova homilia. E desta vez para nos dizer que estávamos no meio da maior necrópole de Antas do período do Neolítico até hoje identificada em Portugal. E que, por esse motivo e na perspectiva dos nossos remotos antepassados, estaríamos provavelmente a pisar solo sagrado e, por respeito a esses remotos mortos, assim o deveríamos passar a considerar. No decorrer desta nova homilia, proferida por quem tem feito aturados estudos dos monumentos funerários legados pelos nossos eupátridas antepassados neolíticos, fomos brindados com esta frase lapidar: - "Sabemos mais como morriam do que como viviam". Notável observação de quem não tem feito outra coisa que não seja estudar monumentos tumulares.

Mas que ele sabia a lição, lá isso sabia! À pergunta de alguém sobre o modo como viviam essas antigas gentes, respondeu ele que, há seis mil anos atrás, os materiais usados na construção das habitações eram perecíveis, não duradouros, como peles de animais, troncos de árvores, etc., e que, por esse motivo, não perduraram até aos dias de hoje. Daí a dificuldade em encontrar vestígios para estudo da sua forma e hábitos de vida. Por outro lado, esse tipo de construções, facilmente desmontáveis, dotavam-nos de grande mobilidade e facilidade de deslocação. Não nos podemos esquecer, disse o orador, que esses povos viviam da caça e da pastorícia, não praticando, ainda, a agricultura. A recolha de alimentos era, por isso, um modo de vida importante que os obrigava a frequentes deslocações até às suas várias fontes de alimento. Muito provavelmente o mar era um dos seus destinos - pudera (!), pensam então que eles eram burros ao ponto de não aproveitarem os infindáveis e inexplorados recursos de marisco a custo zero existentes à data? Chamem-lhes tolos!

Fomos aqui informados do motivo da longa paragem em S. Miguel. Um outro companheiro de passeio tinha, também ele, sofrido uma queda tendo, em consequência, deslocado um ombro, motivo pelo qual teve de ser deslocado para o hospital.

Indiferentes a tudo isto - mas revoltados e irrequietos, tal a horda invasora que teimava, ainda que temporariamente, em ocupar os seus domínios, as terras e trilhos que sempre foram seus - estavam os garranos que apareceram de repente vindos não se sabe de onde, mas que se sabia quererem ir para uma nascente que se encontrava, mais abaixo na encosta, ao lado do ponto onde nos encontrávamos. Impacientes, tal como nós, desesperavam para que os humanos - este mais recentes - rapidamente se afastassem do seu caminho para que, como sempre o fizeram, livremente pudessem saciar a sede nas águas cristalinas que a mãe montanha tão fecundamente libertava para deleite de todos os que nela sabem viver.

Já desesperávamos e ainda havia alguém que teimava em fazer mais perguntas. Já o desânimo se tinha completamente apossado de nós quando, hurra!, nos dão ordem de marcha.

A partir daqui é que foi. Qual guia qual quê (coitado, tardava em recuperar)! Pernas que se faz tarde. Era vê-los a tomar posições, a acelerar, a papar quilómetros! A distância final encurtava a olhos vistos.

Acaba-se a terra, entra-se no alcatrão, alcatrão recente ainda cheio de gravilha solta. Travar nestas condições era uma autêntica aventura, as mais das vezes um autêntico pesadelo. As rodas, como que dotadas de personalidade e vontade próprias, faziam questão de bloquear, de deslizar por cima dessa camada deslizante de gravilha. O cheiro a borracha queimada dos pneus enchia os ares (pedimos humildemente desculpa aos nossos honorários anfitriões por termos contribuído, ainda que involuntariamente, com algumas ppb de partículas poluentes para o meio ambiente local). Grandes calafrios se sentiram na vertiginosa descida de Outeiro para Duas Igrejas.

E foi aqui que vieram ao de cima as vantagens de se ser madrugador. O nosso Arfador Ferrão reconheceu o local, percorrido umas madrugadoras horas antes aquando da chegada à ainda deserta Duas Igrejas, e, com as qualidades que lhe são reconhecidas, toma a dianteira do grupo de passeantes para nunca mais ser apanhado. O que se via era o Ferrão, na frente, órbitas oculares demasiado pequenas para albergar olhos grandes de tão esgazeados, a pedalar feito um louco, a um ritmo alucinante, imparável, as pessoas a abrir, a guardar segura distância, principalmente atrás, porque os ares, à passagem dele, tornavam-se um tanto ou quanto irrespiráveis, resultado, alegou ele, da dispepsia contraída na noite anterior após a ingestão do já anteriormente descrito néctar bacolítico. É inegável que o Vinho Verde, de uma forma ou de outra, está sempre presente e contribui para as grandes vitórias.

Ainda decorrem averiguações no sentido de identificar se a estranha, inigualável e imparável motricidade do Ferrão foi resultado exclusivo da sua poderosa massa muscular ou se, pelo contrário, o seu estado dispéptico teve directa influência no seu esmagador registo, pela combinação conjugada da sua força muscular com a força extra resultante da intensa libertação gasosa de sentido contrário ao da progressão da marcha velocipédica, e que poderá, neste caso excepcional, ter tido um funcionamento e desempenho em tudo similar a um motor a jacto.

Ainda uma nota final a pedido da organização. Foram encontrados na berma da estrada, na última centena de metros, alguns pardais e aves canoras de similares dimensões completamente aturdidas e quase inanimadas, sem que, até ao momento, sejam conhecidas as causas de tão estranho e nunca antes, em terras do Neiva, registado fenómeno. O que se sabe, de acordo com testemunhos recolhidos no local, é que, momentos antes da passagem dos primeiros passeantes, as aves se dedicavam a lúdicas actividades canoras e gozavam de perfeita saúde.

João Ribeiro
Aveiro, 25 de Junho de 2002